

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e O POVO se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Entre Teerã e Tel Aviv: o mundo no fio da navalha

Sheila Paiva
sheila_paiva47@gmail.com

A escalada das tensões entre Israel e Irã, agravada por ataques diretos e retaliações em solo estrangeiro, representa mais do que um embate regional. Trata-se de um jogo perigoso cujas repercussões atravessam fronteiras, testam a diplomacia internacional e arrastam o mundo para a beira de um confronto de proporções imprevisíveis.

De um lado, Israel insiste em seu direito de se defender contra ameaças existenciais, especialmente quando essas ameaças vêm do Irã, um país que por décadas financiou milícias hostis, como o Hezbollah e o Hamas, e desenvolve um programa nuclear cercado de desconfianças. De outro, o Irã se vê como potência regional desafiando o que chama de imperialismo israelense e ocidental, operando por meio de uma rede de aliados e grupos armados que espalham sua influência do Líbano ao Iêmen.

O recente ataque direto do Irã ao território israelense, seguido por uma

retaliação rápida e precisa de Tel Aviv, marca uma mudança no padrão do conflito. O que antes se dava nas sombras ou por intermediários agora ganha contornos explícitos e perigosamente simbólicos. Ambos os países apostam na dissuasão, mas flertam com o abismo.

A comunidade internacional, especialmente os Estados Unidos, caminha sobre ovos. A condenação de um lado e o apelo por contenção do outro revelam o dilema moral e estratégico de quem tenta equilibrar princípios com interesses. Enquanto isso, a ONU permanece paralisada diante de vetos e impasses, sem meios efetivos de conter a tensão.

No fundo, o conflito entre Israel e Irã expõe a falência de um sistema internacional incapaz de lidar com disputas de longa duração e com atores dispostos a arriscar tudo em nome de hegemonia, sobrevivência ou orgulho nacional. O mundo observa, apreensivo, torcendo para que o fio da navalha não se rompa. Porque, se isso acontecer, não serão apenas Tel Aviv ou Teerã que arderão. Todos nós sentiremos o calor.

Amor gasoso amor

Ana Cristina Cunha da Silva
cris0708@gmail.com

Os relacionamentos de hoje costumam terminar antes mesmo de começar. E se começam, aceleram de tal jeito que nem dá para dizer um “até logo”, atropelando etapas, outrora tão importantes: *match*, conhecer, paquerar, cortejar, primeiro beijo, andar de mãos dadas, fazer planos, morar juntos, casar, ter filhos, netos, quem sabe bisnetos, até a morte de um dos dois. Passam direto do flerte para a falta de paciência. Pulam do *match* para “aquela peste”. Zygmunt Bauman denominou isso de amor líquido: instável, escorregadio, plasmado pela lógica do consumo. Um amor que se quer pronto, imediato, com garantia de felicidade permanente. Mas o que vivemos hoje vai além da metáfora da fluidez. Posso chamá-lo de amor gasoso, pois é volátil e etéreo. Evapora sem deixar quase nenhum traço. Antes de esperar ver a transformação causada pelo amor acontecer, alguns amantes já desistem. Quando é exigido

maturidade emocional e diálogo, vem a fuga ou a despedida. O amor gasoso não suporta o peso das etapas. Não quer o cotidiano, quer o espetáculo. Não quer a conversa esclarecedora, quer a química instantânea. Amar hoje é um risco para quem ainda deseja “sonhar” um relacionamento com profundidade. Para quem ainda respeita o tempo das coisas. Para quem compreende que laços não se constroem no ritmo de um *scroll*. Sabemos que o amor existe, muito embora haja controvérsias...Na experiência cotidiana, o amor talvez exista porque a vida sem ele parece insuportável. É a experiência que abre brechas de eternidade dentro da vida comum e nos dá esperança, mesmo quando ele se desfaz depressa nos deixando sozinhos. Talvez o gesto amoroso mais revolucionário nos tempos de hoje seja simplesmente esperar. Esperar o tempo do outro, o tempo da vida, como quem espera um bom prato de comida para saboreá-lo. Esperar, quem sabe, para ver se, enfim, aquele amor ficar e se concretizar.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Prezada Secretaria do Meio Ambiente,

Somos alunos do 3ªA do Colégio Canarinho e estamos estudando sobre o meio ambiente, o saneamento básico, a infraestrutura, os direitos e os deveres dos cidadãos de Fortaleza.

Vimos que o lixo nas ruas está aumentando, isso faz com que aconteça os alagamentos e as pessoas fiquem doentes e sem moradias.

Temos o direito à vida com qualidade, ou seja, precisamos de água potável, sistema de esgoto. Porém, existem bairros que sofrem com o racismo ambiental.

Queremos solicitar que cuidem melhor dos esgotos, melhorem a qualidade da água, limpem as ruas de todos os bairros da nossa cidade.

Para mantermos Fortaleza viva, precisamos que direito ao verde e à cidade sejam respeitados. Por isso, contamos com a sua ajuda para cuidar do meio ambiente.

Aguardamos uma resposta.

Alunos do 3ªA

Colégio Canarinho

Somo alunos do 3ªB e estamos estudando sobre a nossa cidade e o meio ambiente. Aprendemos que todas as pessoas tem direito a água potável, limpeza de esgoto, lugares limpos, a ruas seguras e moradia de qualidade.

Porém, em alguns bairros de Fortaleza, como o Centro, Cais do Porto, Sabiaguaba e Aldeota faltam esses cuidados. Quando chove, as ruas alagam, tem lixo, falta de saneamento e as pessoas sofrem. Isso é injusto!

Por isso, queremos pedir que cuidem melhor desses lugares, que mais áreas verdes sejam construídas e que os moradores que sofrem com os alagamentos, esgoto a céu aberto e lixos nas ruas, recebam apoio para cuidar do espaço em que vivem. Que campanhas de educação ambiental sejam feitas para conscientizar a população. A cidade é de todo mundo, e todos têm direito ao verde e a um lugar bom para viver.

Espero que atendam ao nosso pedido.

Alunos do 3ªB

Colégio Canarinho



CARLUS CAMPOS

Brasil marrom

Marnylton Santos

Membro do Conselho de Jovens Leitores O POVO

Que faço com minha cara de pobre?
e minhas vestes?
e meu salário?
e meu barco furado?
e minha história?

Que faço com minha cara de pobre?
e minha cor?
nem lá, nem cá.
e meu cabelo?
nem ali nem aqui.

Que faço com minha cara de pobre?
e meu tijolo?
e minha voz?
e meu português?
e minha carteira quebrada?

Que faço com minha cara de pobre?
e com a história de minha mãe?
e com as feridas de meu pai?

e com a fome de meus irmãos?
e com meus olhos?

Que eu faço com minha cara de pobre, Brasil?
Eu que subo e desço de lotações
Minhas mãos que constroem casas
Minha moleira que queima no sol
Minha árvore genealógica cheia de Santos
Uma terra arrasada cheia de Silva.

Eliane Potiguara me abriu os olhos
Eu que chorei lágrimas de um mundo inteiro
Que vejo aço nos braços que levantam mundos
De trilhões de sapienciais
Que, ainda assim, no shopping sentem-se sujos
Mesmo usando linho fino.

O museu enquanto educação alternativa

Luana da Silva Lima

Membro do Conselho de Jovens Leitores O POVO, Arte Educadora no Museu da Fotografia Fortaleza

O museu tradicional tem seu início no Brasil no século XIX com o propósito de expor riquezas e artefatos da realeza, sendo estático e contemplativo. Com o avanço do cenário cultural brasileiro, que se modificou trazendo elementos do seu povo formador, podemos ter hoje um museu mais dinâmico, vivo, colaborativo e com objetivos distintos. Em sua contemporaneidade, temas educacionais e sociais unem-se como alternativa para a formação de público.

A busca por qualificação e novas experiências são crescentes na sociedade atual. Novas vivências, fora do ensino tradicional, têm se iniciado, e oficinas, formações, cursos ofertados em museus têm se tornado auxílio no processo formativo.

Dentro dessa temática, o Museu da Fotografia Fortaleza realiza o projeto Museu de Ponta a Ponta, que tem como objetivo formar 18 jovens e adultos de nove municípios do Ceará, vindos de instituições como ONGs, coletivos e associações. Os jovens atuam em suas comunidades replicando os conhecimentos aprendidos na formação, de forma gratuita. Foram realizadas aulas sobre Cianotipia, Fotografia Digital, Digitalização, Canva, Marketing e Estamparia, temáticas em alta que trazem conhecimentos recorrentes de mercado e geração de renda.

Além desse arcabouço teórico, as localidades receberam todo o material necessário para conseguir reproduzir as formações ao público. De materiais químicos a máquinas de estamparia. Garantindo, assim, com que sejam levadas mais oportunidades para a população e ocorra uma crescente no formato do ensino alternativo possibilitando novos conhecimentos.



Em sua contemporaneidade, temas educacionais e sociais unem-se como alternativa para a formação de público.